CARTA AO PAPA

Léon Degrelle

No exílio, a 20 de Maio de 1979

A SUA SANTIDADE O PAPA JOÃO PAULO II

CIDADE DO VATICANO

Santo Padre,

Sou Léon Degrelle, chefe do Rexismo belga antes da II Guerra Mundial e, durante esta, o Comandante dos Voluntários belgas na Frente Leste, lutando na 28ª Divisão das Waffen SS "Wallonie". Certamente isto não é uma recomendação aos olhos das pessoas. Mas sou católico como Vossa Santidade e julgo, por este facto, autorizado a escrever-vos, como a um irmão na fé.

Eis do que se trata: a imprensa anuncia que, no seguimento da vossa próxima viagem à Polónia entre 2 e 12 de Junho de 1979, Vossa Santidade vai celebrar missa com todos os bispos polacos no antigo campo de concentração de Auschwitz. Acho, afirmo-o desde já, muito edificante que se reze pelos mortos, sejam quais forem e onde quer que seja, mesmo diante de fornos crematórios chamejantes, de ladrilhosrefractários imaculados.

Mas assaltam-me muitas apreensões, apesar de tudo.

Vossa Santidade é polaco. Esta condição aparece incessantemente, o que é humano, no vosso comportamento pontificial. Se vos impressionam fortemente velhos ressentimentos de patriota que participou grandemente na sua juventude no duro conflito bélico, poderíeis ser tentado a tomar partido, uma vez eleito Papa, em disputas temporais que a História não esclareceu ainda o suficiente.

Quais foram as responsabilidades exactas dos diversos beligerantes no desencadeamento da II Guerra Mundial? Qual foi o papel de certos provocadores? O vosso presidente do Conselho de Ministros, Coronel Beck, que todo o mundo conhece como um personagem suspeito, comportou-se acaso em 1939 com a ponderação que seria de desejar? Não recusou com demasiada soberba todas as possibilidades de entendimento?

E depois? A guerra foi, na verdade, como se diz? Quais

foram as faltas, e mesmo os crimes, de uns e de outros? Sopesaram-se sempre com objectividade as intenções? Não se desvirtuou, por ligeireza ou por má fé, porque a propaganda assim reclamava, a doutrina do adversário, atribuindo-lhe projectos e endossando-lhe actos cuja realidade pode estar sujeita a numerosas dúvidas?

Apesar de a Igreja ter sempre estado mais bem informada que ninguém, através dos 2.000 anos de circunspecção, evitou sempre posições precipitadas, preferindo jogar sempre com factos provados, com calma, depois de separado o trigo do joio, os furores e as paixões. Em especial, a Igreja sempre se distinguiu por uma moderação extrema ao longo da II Guerra Mundial. Sempre evitou cuidadosamente propagar as locubrações descabidas que então corriam.

Santo Padre, sobre o vosso solo pátrio - em Auschwitz particularmente - afectado talvez por visões incompletas e partidárias do passado, vós ides apenas rezar?...

Temo sobretudo que as vossas orações, e mesmo a vossa simples presença nesse lugar, sejam imediatamente desvirtuadas do seu sentido profundo e utilizadas por propagandistas sem escrúpulos, que delas se servirão, escudando-se em vós, para as campanhas de ódio, com base em falsidades, que envenenam tudo o que diz respeito a Auschwitz desde há mais de um quarto de século.

Sim, falsidades.

Depois de 1945 - abusando da psicose colectiva que, com base em rumores incontrolados, tinha transtornado numerosos deportados da II Guerra Mundial - a lenda dos extermínios macissos de Auschwitz alcançou o mundo inteiro.

Repetiram-se em milhares de livros incontáveis mentiras, com uma raiva cada vez mais obstinada. Foram reeditadas e coloridas em películas apocalípticas que flagelam furiosamente, não só a verdade e a verosimilhança, mas também o bom senso, a aritmética elementar, e até os próprios factos.

Vós, Santo Padre, fostes, segundo se diz, um resistente da II Guerra Mundial, com os riscos físicos que comporta um combate contrário às leis internacionais.

Certas pessoas acrescentam que estivestes internado em Auschwitz: como tantos outros, vós saístes de lá, já que actualmente sois Papa, um Papa que, com toda a evidência, não resiste demasiado ao famoso gás Ziklon B. Vossa Santidade, que viveu nesse lugar, deve saber, melhor que qualquer outro, que esses gaseamentos macissos de milhões de pessoas nunca foram realidade. Vossa Santidade, como testemunha de excepção, viu pessoalmente efectuar um só desses grandes massacres colectivos, uma e outra vez, por propagandistas sectários?...

Certamente que se sofreu em Auschwitz. Noutros lugares também. Todas as guerras são cruéis. As centenas de milhares de mulheres e crianças atrozmente carbonizadas por ordem directa dos Chefes de Estado aliados, em Dresden, Hamburgo, Hiroshina e Nagasaki, tiveram padecimentos muito mais horríveis que os sofridos pelos deportados políticos ou pelos resistentes (25% da população total dos campos), objectores de consciência, tarados sexuais ou criminosos de direito comum (75% da população concentracionária) que padeciam, e por vezes morriam, nos campos de concentração do III Reich.

O esgotamento devorava-os. O desmonoramento moral eliminava as forças de resistência das almas menos temperadas. As crueldades de certos guardas desnaturados, alemães, e, mais frequentemente, não alemães, dos "kapos" e de outros deportados convertidos em verdugos dos seus próprios companheiros, somavam-se à amargura de uma promiscuidade multitudinária. É caso para pensar que, em algum campo, tenha havido algum maníaco que procedesse a experiências de morte inédita ou fantasias monstruosas em torturas ou assassinatos.

No entanto, o calvário da maior parte dos exilados teria terminado felizmente no dia tão esperado do início da paz, se não se tivesse abatido sobre eles, durante as últimas semanas, a catástrofe de epidemias exterminadoras, ampliadas ainda mais pelos fabulosos bombardeamentos que destroçavam as linhas dos caminhos-de-ferro e as estradas, que metiam a pique os navios carregados de presos, como aconteceu em Lubeck. Estas operações aéreas macissas destruíam as redes eléctricas, as condutas e depósitos de água, cortavam todos os abastecimentos, impunham a fome por

toda a parte, tornavam impossível o transporte de evacuados. Dois terços dos deportados mortos ao longo da II Guerra Mundial pereceram então vítimas do tifo,da desinteria, da fome, das esperas intermináveis junto das trituradas vias de comunicação. As cifras oficiais confirman-no. Em Dachau, por exemplo, segundo as estatísticas do Comité Internacional, morreram em Janeiro de 1944 54 deportados; em Fevereiro de 1944: 101; mas, no mês de Janeiro de 1945, morreram 2.888, e, em Fevereiro de 1945, 3.977. Do total de 35.613 deportados mortos neste campo de 1940 a 1945, 19.296 faleceram durante os últimos 7 meses de hostilidades; e fica demonstrado de que o terrorismo aéreo aliado não tinha já nenhuma utilidade militar, pois a vitória dos aliados, no princípio de 1945, estava totalmente assegurada. Portanto, já não era necessário, de modo algum, esse terrorismo aéreo aliado.

Sem esta louca e brutal trituração âs cegas, milhares de internados teriam sobrevivido, em vez de se terem convertido - entre Abril e Maio de 1945 - em macabros objectos de exposição, em redor dos quais buliam manadas de necrófilos da imprensa e do cinema, ávidos de fotografias e de filmes com ângulos e vistas sensacionais, e de um rendimento comercial assegurado. Documentos visuais, cuidadosa e previamente retocados, sobrecarregados, deformados e geradores de crescentes ódios.

Estes alcoviteiros da informação teriam podido também fotografar quilómetros de película com vistas semelhantes de cadáveres de mulheres e crianças alemãs, cem vezes mais numerosos, mortos exactamente da mesma maneira, de fome,de frio, ou metralhadas nos mesmos vagons descobertos, gelados, e sobre os mesmos caminhos ensanguentados. Mas essas fotos, â semelhança das do extermínio das cidades alemãs, que nos mostrariam seiscentos mil cadáveres, essas seriam bem guardadas, para não serem conhecidas! Talvez tivessem turbado os ânimos e, sobretudo, temperado os ódios. E a verdade é que o tifo, a desinteria, a fome, os contínuos bombardeamentos aéreos, dizimavam indistintamente, em 1945, tanto deportados estrangeiros como a população civil do Reich, todos arrastados em abominações próprias do fim do mundo.

Além disso, Santo Padre, no que se refere com uma vontade formal de genocídio, nenhum documento conseguiu trazer a mínima prova disso, desde há mais de trinta anos. Mas especial-

mente, no que concerne à pretensa cremação em Auschwitz de milhões de judeus em fantasmagóricas câmaras de gás de Ziklon B, as afirmações lançadas e constantemente repetidas desde há tantos anos, numa fabulosa campanha, não resistem a um exame sério.

É disparatado imaginar, e sobretudo pretender, que se tivessem gaseado em Auschwitz 24.000 pessoas por dia, em grupos de 3.000, numa sala de 400 metros cúbicos, e menos ainda 700 ou 800 em locais com 25 metros quadrados, de 1,90 metros de altura, como se pretendeu a propósito do campo de Belzec: 25 metros quadrados, ou, o que é o mesmo, a superfície de um dormitório. Vós, Santo Padre, conseguiríeis meter 700 ou 800 pessoas no vosso dormitório?...

E, 700 ou 800 pessoas em 25 metros quadrados, dá 30 pessoas por cada metro quadrado. Um metro quadrado, com 1,90 metros de altura, é uma cabine telefónica! Vossa Santidade seria capaz de apinhar 30 pessoas numa cabine telefónica da Praça de S.Pedro ou do Grande Seminário de Varsóvia? Ou num simples chuveiro?...

Mas se o milagre dos 30 corpos enlatados como espargos numa cabine telefónica ou o das 800 pessoas apinhadas ao redor da vossa cama se tivesse realizado, um segundo milagre teria que produzir-se imediatamente, pois as 3000 pessoas - o equivalente a dois regimentos! - chacinadas tão fantasticamente em Auschwitz, ou as 700 ou 800 pessoas prensadas em Bolzec à razão de 30 ocupantes por metro quadrado, teriam morrido no mesmo instante, asfixiadas, por carência de oxigénio! Não seriam necessárias as câmaras do gás! Todos teriam deixado de respirar, até mesmo antes que se tivessem amontoado os últimos, que se fechassem as portas e se espalhasse o gás pela sala. E como se fazia isto? Através de fendas? De furos? Por uma chaminé? Sob a forma de ar quente? Com vapor? Vertendo-o no chão? Cada um conta o contrário do outro! O Ziklon B, não atingindo senão cadáveres, não seria de menor utilidade!

Além de tudo o mais, o Ziklon B é, como qualquer interessado pode saber, um gás de emprego perigoso, inflamável e aderente. Também seriam necessárias 21 horas de espera, indispensáveis mesmo, antes que se pudesse retirar o primeiro corpo da fantástica sala!

Só depois se poderiam extrair - como se comprazeram em contar-nos, com milhares de pormenores escabrosos - todos os dentes de ouro, todas as coroas de chumbo - nas quais, diz-se,

se escondiam diamantes - de cada lote de 6.000 maxilares rígidos - 3.000 pessoas! - contraídas depois da morte, ou de 48.000 maxilares diários, a acreditar nas cifras oficiais de 24.000 gaseados quotidianos, sómente em Auschwitz.

Santo Padre, por muito santo que seja Vossa Santidade , vós suportareis o dentista alguma vez, com mais ou menos resignação! Extraíram-vos um dente? Dois dentes? Fostes instalado numa cadeira de dentista com potentes reflectores focados sobre os maxilares, com utensílios aperfeiçoados e com um paciente que se presta às prescrições? Pois bem, a extracção, em condições óptimas, tarda o seu tempo. Um quarto de hora? Meia hora? Em Auschwitz, segundo as lendas, aos cadáveres que jaziam no chão, era necessário abrir, com muitas dificuldades, os maxilares endurecidos, descontraí-los, e tratá-los mediante instrumental necessariamente primitivo. Com 8 operadores no total: é o número oficial. E depois tinham que examiná-los sem luz apropriada, rente ao chão, e não apenas um ponto afectado, mas dos maxilares inteiros! Arrancar, esvaziar, limpar! Poderá fazer-se isto em menos tempo que no consultório do especialista, perfeitamente equipado?

Digne-se Vossa Santidade pegar num lápis. A razão de um quarto de hora por dentadura e com oito indivíduos a pleno rendimento na operação, poderia chegar-se a 16 cadáveres tratados por hora, ou seja 160 numa jornada de 10 horas sem um minuto de repouso. Pense Vossa Santidade mesmo num recordista de dentaduras, e, embora materialmente impossivel, duplique-se o ritmo das extracções: isso suporia 320. Então, Santo Padre, como imaginar cremações de 3.000 judeus de uma só vez ? E as jornadas de 24.000 pessoas gaseadas com o Ziklon B, que representariam 48.000 dentaduras para arrancar, ou sejam mais de 760.000 dentes a examinar diariamente? Se nos ativermos apenas aos seis milhões de judeus - uns dobraram ou triplicaram este número que a propaganda martela continuamente nos nossos ouvidos - esses extractores de maxilares teriam que continuar em plena actividade anos depois da guerra.

Estas extracções, somente estas extracções, em 10 horas de trabalho ininterrupto, teriam absorvido um trabalho de 1.875 jornadas de toda a equipa de 8 indivíduos !

Além disso, estas extracções eram apenas uma formalidade preliminar. Era necessário também rapar milhões de cabeleiras. Depois, antes de levar os cadáveres para o forno, procedia-se - segundo o que todos os "historiadores" de Auschwitz afirmam ex-catedra - ao exame de todos os ânus e todas as vaginas

de cujo fundo se tratava de recuperar os diamantes e as "jóias" que poderiam estar escondidas aí. Pode-se imaginar isto, Santo Padre? Seis milhões de ânus, três ou quatro milhões de vaginas limpos a fundo, quando nos é contado que depois dos gaseamentos macissos, os corpos jorravam excrementos, sangue feminino e outras imundíces! Nestes orgãos sujos, os dedos, as mãos dos operadores, tinham que revolver tudo, descobrir os supostos diamantes escondidos, extraí-los pegajosos, lavá-los, lavarem-se eles, 24.000 vezes por dia (os ânus), 15 ou 20.000 vezes por dia (as vaginas). E uma loucura! Tudo isto é de loucos! E não falemos nas actividades complementares : fábricas de adubos e fábricas de sabão, das quais o delirante professor Poliakov fala sem pestanejar.

Estas operações de gaseamento, de corte de cabelo, de extracção de dentes, de limpeza de órgãos, realizados sobre 6 milhões de judeus, ou sete milhões, ou sobre quinze milhões segundo o padre Riquet, ou sobre os vinte milhões - isto é, mais que os judeus existentes então no mundo inteiro! - segundo o Dicionário Larousse, continuariam ainda, se se admitissem como exactas as afirmações "oficiais" dos manipuladores da "história" de Auschwitz! Então, Vossa Santidade teria, que tapar o nariz próximo das câmaras de gás, e transpirar ao calor dos fornos de Auschwitz, enquanto celebrasse a missa !

Se se tivesse multiplicado o número real de cadáveres por dez, ou mesmo por vinte, a mentira talvez conservasse um certo ar de verosimilhança. Mas, do mesmo modo que vimos no caso do gaseamento de 700 a 800 pessoas por dormitório, quando se mente demasiado atinge-se o grotesco. Era necessária a insondável e apenas imaginável estupidez das massas para que semelhantes estravagâncias pudessem ser inventadas, contadas, difundidas aos quatro ventos, filmadas e ACREDITADAS.

"Eu acredito, declara bravamente um personagem do Holocausto, em tudo o que se conta sobre isso" !

Declaração exemplar!...

Santo Padre, como imaginar, um instante que seja, que em Auschwitz, na hora da concelebração, enquanto todos os corações, estreitados pelo amor de Deus e dos homens, vão participar na renovação do sacifício, um sacerdote, um Papa, poderia, no momento em que levanta o cálice para o céu, estar conscientemente a encobrir sob o pálio um ódio tão bestial e mentiras tão descaradamente falsas, que estão no extremo oposto ao ensinamento de Cristo? Não!...Certamente que não !

Não é possível ! Avossa mensagem, a cem passos da falsa câmara de gás de Auschwitz, não pode ser mais que uma mensagem de caridade, de fraternidade, igualmente de verdade, sem a qual toda a doutrina se desmorona. Vossa Santidade vai a Auschwitz para se recolher, emocionado, num dos lugares altos do sofrimento humano, cujas causas e cujos responsáveis serão apontados verdadeiramente, objectivamente, com o tempo, por uma História serena, que não recorra a testemunhos obtidos pela força e a divagações de farsantes.

O Papa está acima de tudo isto.

Está ao lado das almas que sofreram, das que, no sofrimento, se elevaram espiritualmente, pois não há pena, nem calvário, nem agonia, que não possa ser sublime. Por exemplo, nos campos de batalha da II Guerra Mundial, em que tantos milhões de soldados caíram depois de sofrimentos horríveis, e igualmente nos campos de trabalho, em que tantos morreram vítimas de interesses que não compreendiam mas que os aniquilavam; o sacrifício, a dor física e moral, a angústia terrivel, converteram milhares de almas, que em circunstâncias normais se teriam perdido na mediocridade, em gloriosos exércitos de heróis espirituais. Assim foi em Auschwitz. Foi assim na Frente do Leste, ao longo dos anos de luta e imolação de milhares de jovens europeus que, de 1941 a 1945, fizeram frente heroicamente ao rolo compressor do comunismo.

Seguramente, através de toda a história dos homens, cometeram-se atrocidades. Auschwitz, de toda a maneira, não terá sido o primeiro caso, nem o último. Vemo-lo de sobra na hora actual, quando são massacradas tantas mulheres e crianças indefesas nos campos palestinianos pela aviação de Israel, executando sobre inocentes a lei de Talião, em memória dos quais não se cantará, provavelmente, uma missa concelebrada. Numerosas potências abusaram muitas vezes do seu poder. Numerosos povos perderam a cabeça. Não um, especialmente, mas todos. Ao lado de corações puros e desinteressados que ofereceram a sua juventude a um ideal, a Alemanha teve, como todo o mundo, o seu lote de seres detestáveis, culpados de violências inadmis-síveis. Mas, qual o país que não tenha tido os seus?

A França da Revolução Francesa não inventou o Terror, a guilhotina, os afogamentos no Loire? Napoleão não deportou, antes mobilizou pela força centenas de milhares de civis dos países ocupados, enviados para a morte para sua glória! Só na Bélgica foram 51 mil! Isto é, mais do que os belgas que

morreram na I Guerra Mundial ou nos campos de concentração do III Reich. Mais recentemente, um De Gaulle não presidiu, em 1944-45, ao massacre de dezenas de milhares de adversários baptizados como "colaboradores"? Mais recentemente ainda, na Indochina, na Argélia, a França não amontoou centenas de milhares de desertores, de reféns, de simples civis, presos macissamente, em campos de concentração extremamente duros, onde nem sequer faltaram os sádicos? Um general francês chegou mesmo a fazer o elogio público da tortura.

E a Grã-Bretanha, com os seus bombardeamentos de cidades livres como Copenhague? As suas execuções de cipaios atados na boca dos canhões, o esmagamento que fez dos boers, os seus campos de concentração do Transvaal, ou com milhares de mulheres e de crianças mortos numa miséria indizível? E Churcill desencadeando os seus abomináveis bombardeamentos de terror sobre a população civil do Reich, a calcinação com bombas de fósforo, aniquilando numa só noite perto de duzentas mil mulheres e crianças no gigantesco crematório de Dresden? "Perto de", porque não se conseguiu fazer uma estimativa aproximada senão calculando o peso das cinzas.

E os Estados Unidos? Não elevaram a sua potência graças à escravização de milhões de negros marcados a fogo como animais, e graças ao extermínio quase integral dos peles-vermelhas, proprietários dos terrenos cobiçados? Não foram eles, em 1945, os lançadores da bomba atómica? Ontem ainda, não contavam entre as suas tropas do Vietname com indiscutiveis verdugos?

E não insistimos sobre as dezenas de milhares de vitímas da tirania da URSS e dos Gulags actuais, dos quais, temo que nada se dirá e que não serão visitados por Vossa Santidade; como fez com o campo de Auschwitz, vazio desde há dezenas de anos.

Em Auschwitz, ninguém o negará, a vida foi dura, e, por vezes, muito cruel. Mas, nos campos dos vencedores de 1945, os sádicos e os verdugos prosperaram rapidamente com igual abundância, mas com muito menos desculpa, se se admitir que uma guerra mundial pode desculpar algumas coisas...

Santo Padre, não queria ser eu a empanar o prazer que Vossa Santidade irá sentir ao encontrar-se no seu país. Mas cuidado! A vossa pátria valorosa, da qual Vossa Santidade

exaltou a elevação moral ao glorificar o seu admirável patrono Stº. Estanislau, não conheceu, ela também, as suas horas de crime e de envilecimento? No momento em que Vossa Santidade pisar o solo polaco de Auschwitz, que recorda especialmente a última "tragédia" judaica, seria pouco decente - se quiser ser justo - não evocar outros judeus, inumeráveis, mortos anteriormente em todo o vosso território, em progroms terríveis, torturados, assassinados, enforcados durante séculos pelos vossos próprios compatriotas. Estes não foram sempre uns anjos, apesar de serem tão católicos!...

Ouço ainda o Núncio Apostólico de Bruxelas, o que foi depois Cardeal Micara, anteriormente Núncio em Varsóvia, quando me contava, à sua excelente mesa, como os camponeses polacos cruxificavam judeus nas portas das suas propriedades.

- "Estes porcos judeus!", exclamava, bastante pouco evangelicamente o untuoso prelado.

Estas palavras foram pronunciadas tal e qual, creia-me Vossa Santidade.

A Igreja, ela própria, Santo Padre, foi sempre tão branda? Em pleno século XVIII ela queimava ainda judeus com grande aparato. Em plena cidade de Madrid, especialmente. Mas queimava-os VIVOS! A Inquisição não foi sempre um pacífico redil. Os massacres dos albigenses perpetraram-se sob a égide de S. Tomás de Aquino. Os assassinatos da noite de S. Bartolomeu causaram a alegria do Papa, vosso predecessor, que se levantou em plena noite para festejar com um Te-Deum entusiasta tão alegre acontecimento, tendo ordenado ainda que fosse comemorado com uma medalha! E as trinta mil chamadas bruxas, calcinadas piedosamente ao longo da Cristandade? Ainda no século passado o papado restabelecia o ghetto em Roma. No fundo, Santo Padre, nós não valemos muito quer sejamos Papas, quer sejamos Ayatollas, parisienses ou prussianos, soviéticos ou nova-iorquinos. Não temos de que ser exageradamente orgulhosos. Todos fomos, nos nossos maus momentos, tão selvagens uns como outros. Esta equivalência não justifica nada nem ninguém. Ela incita, não obstante, a não distribuir com demasiado impeto ou demasiada benovolência as excomunhões e as absolvições.

Só se esmagará a selvajaria humana respondendo ao ódio com a fraternidade. O ódio desarma-se, como tudo se desarma, mas não oferecendo-o continuamente com molhos cada vez mais picantes. Nem vertendo-o e exasperando-o, como no caso de Auschwitz, à força de exageros loucos, de mentiras e de fal-

sas confissões cheias de contradições flagrantes arrancadas pela tortura ou pelo terror nas prisões soviéticas ou americanas, pois tanto valiam umas como outras nos tempos odiosos de Nuremberga.

Alguns poderiam pensar que os flibusteiros do exibicionismo concentracionário e os falsários que fizeram do assunto dos "seismilhões"de judeus a fraude financeira mais remuneradora do século, iam pôr finalmente um termo a essa exploração.Graças a todo o aparato da grandiosa cerimónia religiosa que vai, na vossa presença, desenrolar-se entre os falsos decorados do plató de Auschwitz, no meio de um gigantesco frenesi de televisão e de imprensa, tentar-se-á tudo para vos converter no avalista indiscutível desses cheques de ódio. O vosso nome vale o seu peso em ouro para todos esses gangsters. Sairá para o mundo inteiro, como se o primeiro Holocausto não fosse suficiente, um Holocausto nº 2, que não terá custado um milhão de dólares como o outro, já que Vossa Santidade terá fornecido absoluta e gratuitamente a cenógrafos indecentes a mais faustosa das figurações.

O Holocausto nº 1, qualquer que tenha sido a sua difusão e o seu impacto entre os tolos, não foi mais que uma gigantesca assuada hollyoodesca, de uma rara vulgaridade, e destinado, antes de tudo, a esvaziar centenas de milhões de bolsos de espectadores ingénuos. Mas os estragos não podiam ser senão passageiros; rapidamente se notaria que as estravagâncias eram bufanescas e que não resistiriam ao exame sério. Ao contrário, porém, o vosso Holocausto, Santo Padre, filmado com uma grande pompa em Auschwitz, com um Papa de carne e osso, revestido de toda a majestade pontifical e ungido de veracidade, frente a um altar inviolável, sobretudo na hora do Sacrifício, este Holocausto nº 2 corre o risco de aparecer aos olhos de uma cristandade enganada por manipuladores sacrílegos, como uma confirmação quase divina de todas as locubrações montadas por usurários cheios de ódio.

Já a vossa evocação diante das tumbas polacas de Montecassino, de uma guerra da qual - se se acreditar no que disse a imprensa internacional - Vossa Santidade não reteve mais que certos aspectos fragmentários, inquietou muitos fiéis. A vossa comparência cheia de ostentação em Auschwitz não pode senão inquietar mais ainda, Santo Padre, pois não há dúvida que vós ides ser "utilizado". E tão evidente, que salta aos olhos. Embusteiros da imprensa e do écran decidiram fazer-vos acreditar, com a mitra, com a vossa sotaina branca nova, nessa aldrabice de Auschwitz. No entanto, essa cerimónia religiosa não pode representar aos

vossos olhos, certamente, na hora da celebração, outra coisa que não seja uma chamada à reconciliação, de modo nenhum uma chamada ao ódio entre os homens.

Homo homini lupus, dizem os sectários. Homo homini frater, diz todo o cristão que não é hipócrita. Nós somos todos irmãos, o deportado que sofre atrás do arame, como o soldado intrépido crispado sobre a sua metralhadora. Todos os que sobrevivemos a 1945, Vossa Santidade, o perseguido convertido em Papa, eu, o guerreiro convertido em perseguido, e milhões de seres humanos que vivemos, de uma maneira ou outra, a imensa tragédia da II Guerra Mundial com o nosso ideal, os nossos anelos, as nossas debilidades e as nossas faltas, devemos perdoar, devemos amar. A vida não tem outro sentido. Deus não tem outro sentido.

Então, na verdade, que importa o resto! No dia em que Vossa Santidade celebrar a Missa em Auschwitz, apesar das imprudências espirituais que podem comportar tomadas de posição de um Papa em debates históricos ainda não concluídos, e apesar dos fanáticos do ódio que, sem tardança, irão explorar a espectacularidade do vosso gesto, eu unirei, do fundo do meu exílio, tão longínquo, o meu fervor ao vosso.

Sou, Santo Padre, filialmente vosso,

LEON DEGRELLE

RESPOSTA DE S.S. JOAO PAULO II EM AUSCHWITZ

por José Martinez

O Papa regressou a Roma. A sua viagem de Junho de 1979 à Polónia teve as suas complicações. A propaganda oficial comunista escamoteou os seus êxitos. A televisão polaca não apresentou nunca vistas panorâmicas das multidões que o recebiam fervorosamente, limitando-se, por duas vezes, a apresentar apenas o rosto do Sumo Pontífice. Só fez uma excepção sensecional com a cerimónia no campo de concentração (melhor dito, de trabalho) de Auschwitz, onde, conforme os desejos do Governo comunista, o Papa concelebrou a missa, em 7 de Junho. Desta vez, sim - porque correspondia aos planos da propaganda soviética - a Televisão oficial polaca difundiu a todo o plano uma grande reportagem do acto, religioso na mente do Sumo Pontífice, anti-"fascista" na mente dos outros.

Nessa terra submetida à ditadura comunista, João Paulo II - qualquer o pode facimente imaginar - não podia afastar-se muito, em Auschwitz, das afirmações oficiais do regime marxista-leninista, segundo as quais nada menos que 4 milhões de judeus tinham morrido, há trinta e tal anos, só neste campo de trabalho.

O catedrático da Universidade americana de Evanston(Illinois) Arthur R. Butz destroçou radicalmente no seu livro "The Hoax of the Thentieth Century" essa lenda. E um professor ianque, nada tem de nazi. Tão pouco tem o cientista francês Robert Faurisson, catedrático da Universidade de Lyon, que provou cientificamente no jornal "Le Monde" e em outras publicações a impossibilidade material das matanças em câmaras de gás com Ziklon B. Comprovou que a totalidade de judeus mortos em Auschwitz, mortos, naturalmente de cansaço físico, de desmoralização, de doenças, de epidemias tremendas - e não de extermínios! - não ultrapassou os 50 mil ao longo dos 4 anos, isto é, uma média de 12.500 por ano, número que nada tem a ver com os 4 milhões, em quatro anos, inventados pela propaganda comunista, ou hebreia.

Quando as tropas soviéticas se aproximaram de Auschwitz em Janeiro de 1945, os alemães deixaram tranquilamente nas suas camas os 6.000 deportados que não gozavam de boa saúde, com dezassete médicos para cuidar deles: prova evidente que os nazis não atiravam os doentes para câmaras de gás, pois, 6.000, ali ficaram, devidamente assistidos, à espera dos invasores soviéticos; prova também evidente de que o III Reich não sentia a

menor inquietação em deixar nas mãos do inimigo estes 6.000 testemunhos excepcionais da vida no campo de Auschwitz. Se os alemães tivessem perpetrado extermínios macissos de hebreus, como afirmaram tão ruidosamente os negociantes do "Holocausto", nunca os SS se teriam arriscado a entregar tão tranquilamente 6.000 futuros acusadores. Se os punham à disposição dos soviéticos, é porque não tinham qualquer receio. E claríssimo!

Mas, ao Papa, era difícil contradizer publicamente os números exorbitantes que o Regime comunista inventou e que o recebia, apesar da enormidade de uma mentira que salta à vista de qualquer pessoa que saiba ver e contar, mentira que já nem o Instituto Contemporâneo de Munique, organismo nº 1 do anti-nazismo alemão, admite. Falar de milhões de judeus mortos em Auschwitz, ou qualquer outro sítio, é pouco sério, quando se sabe que algo como 600.000 judeus (como snr. Begin, ministro de Israel, à cabeça) se refugiaram entre 1939 e 1941 na U.R.S.S.; outros tantos na Europa Central; e, pelo menos, outros tantos, que ficaram na Polónia ocupada; quando se sabe que as tropas de Estaline, ao invadir a Hungria durante o inverno de 1944-45, encontraram centenas de milhares de judeus (muitos, fugidos também da Polónia); entre eles, 200.000 num só ghetto de Budapeste; quando se sabe que na França 80% dos 350.000 judeus não sofreram qualquer tipo de deportação, e até são, agora, mais de um milhão (no tempo de Napoleão, Paris contava apenas com 500 hebreus); quando se sabe que 2.500.000 judeus, gozando de uma ótima saúde, foram ocupar depois de 1945 as terras roubadas da Palestina, com uma maioria tão esmagadora de judeus, da Polónia, que o primeiro Governo de Israel se chamava a si próprio "Governo dos Polacos"; quando pululam agora milhares e milhares de hebreus na Holanda, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Suiça, Itália, etc., para não falar de Portugal e Espanha. Quem acredita ainda em extermínios de judeus, mais numerosos e dominadores hoje do que nunca?!...

No verão de 1944, Himmler, como afirmou categoricamente o Tribunal de Jerusalém durante o Processo Eichmann, propôs aos Aliados a troca de um milhão, e, depois, de dois milhões, de judeus da Europa Central, contra dez mil camiões. Se os queria trocar, é porque estavam vivos! São as Democracias as que recusam egoisticamente a oferta de Himmler, duas vezes repetidas!

Por outro lado, como teria sido possível aos caminhos-de-ferro alemães transportar de tão longe, inultimente, milhões de deportados, quando, desgraçadamente, nem havia vagons, nem maquinistas, nem carvão?... Se até faltavam para fazer o transporte para a Frente Leste de soldados e de munições! E, sobretudo, por que razão se teria dedicado a "exterminar" milhões

de judeus, indispensáveis nas fábricas e nas oficinas da Europa, quando a Alemanha, mortalmente abalada por falta de mão de obra, não tinha outro remédio senão requisitar pela força um sem número de operários estrangeiros, suscitando assim oposições, ódios e resistências violentissimas? Hitler, acossado, necessitava de trabalhadores e não de cadáveres!

Os judeus, inimigos declarados da Alemanha hitleriana, e tratados como tal, tiveram que trabalhar, não todos, mas uma porção bastante limitada até, (15 a 20%), dos 5 milhões e meio de hebreus da Europa. Os que morreram - por motivos naturais - não eram nada à beira das dezenas de milhões de deportados que os soviéticos assassinaram nos campos de extermínio da Sibéria (65 milhões, segundo Soljenitsun). Os grandes assassinos do século foram eles, não esquecendo os seus discípulos checos, polacos, jugoslavos, de 1945, e os seus primeiros admiradores de 1936, instalados pela força em Paracuellos.

Tornava-se também difícil para o Papa recordar aos comunistas outros extermínios, por exemplo o de Katin, com os seus milhares de oficiais polacos, patriotas de primeira, assassinados nesse bosque com uma crueldade atroz. Já em 1941 os soviéticos pretenderam, por antecipação, eliminar toda a competência nacional na Polónia - que submeteriam em 1944 e 1945 à sua ditadura de ferro, a exemplo do que acontece na Europa de Leste.

Os comunistas polacos não admitiram esta visita do Papa na sua coutada reservada sem impor condições e exigir promessas. E isso o que pode explicar a evocação estranha que o Papa fez da "libertação da Polónia" pelas tropas dos sovietes esses que, aproveitando a invasão alemã de Setembro de 1939, assaltaram cobardemente a Polónia no mesmo mês, esmagando metade do seu território; os mesmos sovietes que "libertaram" o comando militar polaco, decapitando-o; os mesmos que fizeram parar as suas Divisões a 800 metros das portas de Varsóvia em Agosto de 1944, quando os patriotas polacos acabavam de sublevar-se, abandonando-os, não tendo também permitido a Churchill que os ajudasse por via aérea, até que, no final de uma luta sangrenta, a Polónia nacional sucumbiu. Sobre os milhares de cadáveres, os de Katin e os de Setembro de 1944, Estaline impôs o governo comunista do novo satélite. Foi assim que "libertaram" a Polónia!

Não a libertaram, de facto, mas, pelo contrário, atraiçoaram-na, abandonaram-na, e, uma vez esmagada a sua tentativa de libertação, invadiram-na e domaram-na!

Agradecer aos herdeiros de Estaline a dominação implacável

que Moscovo impôs pelas armas à Polónia era uma tal enormidade da parte de um Papa - mais a mais um Papa polaco! - que a muitos essa evocação da "libertação soviética" pareceu, não um acto de humilhação indignante, mas uma forma de amabilidade diplomática quase maquiavélica. De qualquer forma, era pagar caro o bilhete de entrada.

Apesar disto, o significativo - muito significativo - do discurso do Santo Padre em Auschwitz foi, não o que disse, mais ou menos forçado, mas o que NAO disse.

Não pronunciou em Auschwitz uma única palavra sobre o principal, isto é, sobre os "extermínios" nas "câmaras de gás", apesar de ter falado a poucos metros da enorme "câmara de gás" que se vê no campo, câmara falsa (não houve uma única! Houve apenas um balneário e uma arrecadação), totalmente nova, edificada desde o primeiro até ao último ladrilho, pelos serviços de propaganda comunista DEPOIS da II Guerra Mundial.

Na sua carta, Léon Degrelle demonstrava energicamente a João Paulo II a inexistência de tais salas e a impossibilidade científica do emprego nelas do gás Ziklon B para extermínios. O Papa teve isso muito em conta: evitou cuidadosamente em Auschwitz fazer qualquer afirmação ou alusão a "câmaras de gás", não pronunciou a palavra "gás". Era reconhecer claramente que não se atreve a tomar esta lenda à sua conta, é reconhecer que toda essa história de Ziklon B não tem pés nem cabeça, que é insustentável, cientificamente falando. Mas... sem câmaras de gás, que resta do mito dos extermínios em Auschwitz?...

O Papa fez - positivamente - uma segunda evocação da carta-refutação de Léon Degrelle quando, abandonando o texto oficial, improvisou algumas frases que, em primeiro lugar, apontam nitidamente os crimes dos comunistas, e, em segundo lugar, quase textualmente, aduzem a citação do Chefe do Rexismo "Homo homini frater" (o homem é um irmão do homem):

- "Não quero - declarou o Papa, abandonando o seu texto dactilografado - não quero falar naqueles que hoje fazem sofrer povos ou pessoas... Que todo o homem é irmão".

O jornal diário "Ya", no seu número de 8-6-1979 (pág.10,coluna 5), comentou com grande curiosidade a emoção dos 900 jornalistas depois de escutarem, muito admirados, essas palavras subitamente improvisadas pelo Papa, ausentes do texto oficial que já havia sido distribuído à imprensa: " Os jornalistas - escreve o "Ya" - saem do campo interrogando-se a quem se refere o Papa quando introduziu no seu texto uma frase dizendo que não quer falar nos que hoje fazem sofrer povos e pessoas, que todo o homem é irmão,..."

Nós sabemos, depois que lemos a carta de Léon Degrelle ao Papa - carta pessoal que o Chefe do Rexismo não queria de maneira nenhuma que fosse publicada e que só tinha saído à luz na Bélgica e na França, graças à indiscreção de um informador romano. Felizmente, pois, como se vê, teve repercussões muito grandes.

Já não se falará, com a indecência de antes, em massacres "feitos" em "câmaras de gás". O próprio Papa, publicamente , nada disse disso. Por outro lado, João Paulo II, na sua improvisação, falou sem medo "dos que HOJE fazem sofrer povos e pessoas".

O Papa disse: FAZEM.

O Papa disse: HOJE.

Hoje, é agora. Os que "hoje fazem sofrer povos e pessoas", quem podem ser senão os ditadores comunistas que submeteram à sua tirania 270.000.000 de Russos, os invasores que esmagaram com os seus tanques na Europa do Leste os habitantes de Budapeste e de Praga, os que continuam a torturar e a exterminar nos seus Gulags milhões de presos-escravos?... Destes, quando se fala? Muito raramente, e, mesmo assim, academicamente!

Mas, entretanto, mil provocadores continuam a martelar-nos os tímpanos com as histórias, velhas de mais de um quarto de século que falam de judeus gaseados em câmaras de gás - que nunca existiram - durante a II Guerra Mundial, quando os extermínios - estes, verdadeiros - continuam HOJE em plena actividade nos campos soviéticos. Sem que nenhuma autoridade política tenha a coragem de apontar estes crimes actuais de outra maneira que não seja com palavras vãs e hipócritas!

Depois da carta ao Papa de Léon Degrelle e da resposta improvisada que o mesmo Papa lhe deu em Auschwitz, a propaganda judaica já não poderá mentir com tanto descaramento. E aos desavergonhados farsantes que inventaram a mentira do "Holocausto", a gente sã saberá opor, a partir de agora, a evidência dos factos históricos, a sua comprovação científica e a sua honradez.

A Espanha conheceu em 1936 a sua lenda, criminosamente mentirosa, sobre caramelos envenenados distribuidos às crianças pelas freiras. Isso serviu de pretexto aos bandos marxistas para queimarem centenas de conventos e assassinarem aos milhares religiosos e religiosas.

Querem fazer-nos engulir outra lenda de caramelos - nazis, desta vez - com milhões de judeus, coitadinhos, humildes, suaves, santinhos, gaseados e queimados todos por Hitler, os quais, agora, passeiam pelo mundo inteiro, mais arrogantes e mais exibi-

cionistas que nunca, transbordantes de saúde e de fanatismo, inchados de indemnizações fenomenais, de pensões conseguidas manhosamente, e de territórios roubados.

Julgam-se o umbigo, a carne, o miolo do universo, apesar do Estado artificial de Israel não representar nem a milésima parte da população do mundo. A crise dramática do petróleo é o resultado da ambição insaciável e da intolerância sanguinária de Israel. Os pirómanos deste Estado intruso acabaram com a paciência dos árabes e provocaram a quebra da economia mundial. A sua voracidade territorial, as suas chantagens, as suas vinganças e os seus crimes militares, cem vezes repetidos e condenados, obrigam a humanidade a viver sob a ameaça incessante de uma nova guerra internacional. Uma guerra internacional, só por um punhado de hebreus imperialistas que sempre querem mais, e mais, acumulando - para conseguir os seus fins - as lendas e as mentiras do tipo "câmaras de gás" e "Holocausto".

As histórias de mandíbulas de asno com as quais um hebreu super-homem conseguia matar antigamente, sózinho, num instante, sete mil filisteus atónitos, perdeu já o seu público ingénuo.

Com as suas aldrabices de Auschwitz, os milhões de judeus, gaseados e ressuscitados já nos aborrecem. Deixem de continuar a enganar o mundo. **BASTA !**

José Martinez

Asociación de Amigos de Léon Degrelle.

Apartado de Correos n° 5.024 - 28080 Madrid - España.
Presidenta de Honor: Dª Jenne Marie Brevet (viuda de Léon Degrelle)
Presidente: D. José Luis Jerez Riesco.
Autorización del ministerio de justicia n°160.621 del 22 Marzo 1996.

Email: leondegrelle2003@yahoo.com
Web: *http://www.geocities.com/falconhard/presentacion.html*